

Milton tinge EUA de verde

Uma excursão ecológica reforça o prestígio internacional do cantor mineiro Divulgação

JULIA PRESTON
The Washington Post

O cantor Milton Nascimento está irradiando tanta energia atualmente que até parece estar sendo afetado pelo tempo. Em março, quatro dias antes de ser agendado para dar um concerto ao ar livre numa praia do Rio de Janeiro, no qual apresentaria uma nova safra de canções inspirada na Floresta Amazônica — num momento em que as ruas estavam inundadas por tempestades — Nascimento fez a previsão pública de que a chuva pararia a tempo para o seu show. “Vai haver tanta força positiva na hora que não vai chover”, disse o cantor.

Parecia uma profecia. A chuva, que há 10 dias caía na cidade, parou poucas horas antes de sua apresentação. E, para satisfação das quase 20.000 pessoas que se acotovelavam na baía, ela se resumiu a uma fina garoa nos últimos minutos do show. Qualquer outro artista acharia estranho que um astro da década de 60 pudesse, ainda em 1991, harmonizar tanto sua música com o universo. Mas com 25 anos de carreira e quase 25 álbuns lançados, Milton conquistou a aura das pessoas que estão de bem com a vida. Combinou a sofisticação dos sons com um espírito otimista inabalável. Deu certo. Ainda na quinta-feira passada, ele ocupou o programa de *showbiz* na CNN por cerca de dez respeitáveis minutos.

“Eu quero ir para um lugar que não tenha fronteiras. Eu não quero ser apenas um mineiro ou um brasileiro. Eu quero ser uma pessoa do mundo.” A declaração, dada pelo artista numa entrevista na década de 60 — quando deixou sua cidade em Minas Gerais — acabou se tornando realidade. Hoje ele acha que conquistou o que queria: “Sou livre para dizer o que quero e o que penso. E, uma vez que sou livre, sei também que algumas pessoas irão me ouvir.”

Milton Nascimento fez um concerto no Lisner Auditorium, em Washington, no domingo passado, com músicas do seu álbum *Txai* lançado, mês passado, pela CBS. Na língua Kaxinawa a palavra *txai* é uma saudação de camaradagem. Esse novo trabalho é resultado de 18 dias de uma excursão feita pela Amazônia há dois anos. Vários índios representantes das tribos indígenas amazônicas — ameaçados de extinção por grileiros e garimpeiros — estão acompanhando Milton nessa viagem. Há, também, um representante do Sindicato dos Serin-



Milton Nascimento: “Uma vez que sou livre, sei que algumas pessoas irão me ouvir”

gueiros cujo presidente e ativista Chico Mendes foi assassinado há três anos. Para Milton, a floresta tropical é apenas mais uma das causas sociais pelas quais trabalhou. Nos últimos anos ele cantou pela democracia, pelos direitos humanos e contra o racismo. Com sua música ele pretende mobilizar as pessoas em favor de suas causas.

Nos seus concertos internacionais Milton ainda canta (e fala) a maior parte do tempo em português. Alguns americanos devem ter ouvido sua voz celestial quando ele cantou, em português, com Paul Simon em *The rhythm of the saints*, onde estava retribuindo a Simon o favor de ter feito um dueto com ele, em português, no seu álbum *Yauarete* (1987). A parceria de Simon com Milton não se compara a de Milton com Simon, que conseguiu transformar alguns músicos africanos em estrelas. Milton Nascimento já é um gigante da música brasileira e seu trabalho com músicos americanos começou há muito tempo (1967), logo depois que ele ganhou três prêmios num Festival de Música Internacional do Rio com suas primeiras composições. Wayne Shorter, Herbie Hancock, Hubert Laws e Pat Metheny estão entre os americanos que já tocaram com ele.

Milton Nascimento não concorda com a divisão da música americana em jazz, pop e rock. Para ele, que nasceu e viveu com músicas africanas, afro-brasileiras, percussão, sambas e músicas religiosas, esta divisão é irreal. Para Milton, que é negro, existe um racismo velado no Brasil. Adotado aos dois anos por uma família branca e criado ao lado de três irmãos brancos. “Na minha casa nunca houve distinção de cor. Não é à toa que a minha atitude em relação à raça é sempre de conciliação”, comentou. Seu pai era patrocinador de uma rádio da cidade onde Nascimento e os amigos ficavam horas com a orelha grudada no rádio tentando ouvir um *hit-parade* carioca.

Quando despontou, nos anos 60, o cantor trouxe com ele vários músicos mineiros de sua geração. Wagner Tiso, Beto Guedes e Lô Borges são alguns nomes que fazem esse jazz mineiro. Em 1967, o parceiro Fernando Brandt fez a letra de *Travessia*, o grande sucesso de Milton. Desse dia em diante Fernando Brandt passou a se intitular como a âncora de Milton Nascimento, aquela que atravessa o oceano durante todos os meses do ano. “Ele tem a glória mas eu tenho a minha existência tranqüila,

fico no meu canto. Para mim o dia-a-dia é muito importante. Eu ainda posso ir aos lugares e observar as coisas como elas são”, comentou Brandt. A verdade é que aonde Milton estiver ele escreve suas músicas e manda para Brandt que manda de volta as letras: “Nossa afinidade é tão grande que Milton raramente não concorda com alguma coisa que eu faço. Andamos sempre na mesma direção”, explicou o parceiro. Na década de 70, durante a ditadura militar, várias letras de Brandt foram censuradas e Milton, em protesto, apenas tocava a música que arrematava com murmúrios.

Milton Nascimento nunca foi tão seguro como hoje. Apesar disso é uma pessoa reservada que usa as palavras com cuidado como se as considerasse uma fonte de problemas. Sua timidez era tanta que durante alguns anos apenas um excesso de vodka conseguia levá-lo ao palco. Ele falou com certa reserva do seu medo de voar e do silêncio da platéia americana. “No Brasil a platéia faz parte do show”, desabafou Milton, que começou os shows de sua turnê ecológica com a música *Yauarete*, onde identifica sua semelhança com um gato selvagem.